

Verdade e realidade na historiografia antiga¹

Henrique Cairus (UFRJ/USP)
www.lettras.ufrj.br/proaera
hcairus@ufrj.br

Resumo: O artigo pretende propor uma revisão dos conceitos que cercam as análises da produção historiográfica da Antiguidade, tais como, verdade, realidade, dados, testemunhos, provas, fatos, *res ficta* e *res gesta*. Procurou-se privilegiar a perspectiva da recepção mais antiga dessas obras.

Abstract: This paper intends to propose a review on the concepts surrounding the analysis of the historiographical production during Antiquity, such as: truth, reality, data, testimony, evidence, facts, *res ficta* and *res gesta*. It was intended to focus on the eldest reception prespective in these works.

O projeto deste artigo é o de prestar alguma contribuição àqueles que trabalham com textos historiográficos antigos no que tange à relação entre verdade, realidade, dados, testemunhos, provas e fatos, pensando essas categorias a partir da própria historiografia antiga.

Antes, contudo, é preciso dizer que, a par de querelas filosóficas infindas, o que tomamos por realidade aqui é o que também poderíamos chamar de dado ou de feixe bruto de dados desprovido de qualquer elaboração mental e reunido sob a égide do acaso ou da conjuntura. Qualquer intervenção humana nesses dados integra um projeto consciente ou inconsciente de elaboração da verdade. A realidade, para a história, é o que Sexto Empírico, filósofo do século do Séc.II de nossa Era, chama de ὅλη ἱστορίας e é ἀμέθοδος (*Aduersus math.*I,266). Talvez, contudo, não seja nem isso, mas ainda assim não se lhe pode negar a concretude que dá consistência à própria verdade.

Fica dito, desde já, que a verdade é uma construção, mas a realidade, não.

Durante muitos séculos, acreditou-se numa factualidade pura. Essa, aliás, foi, nesses mesmos séculos, o norte das narrativas históricas e, pouco mais tarde, da disciplina história. Ao historiador cabia a narração dos fatos no tempo, ao geógrafo a descrição dos fatos no espaço e ao filósofo cabia superar ambos, pensando para além do tempo e do espaço, ainda que pensando essas mesmas categorias.

¹ Conferência proferida na FCLAr-UNESP, em setembro de 2010.

Um historiador que se dedicasse à Antiguidade, como Edward Gibbon, no século XVII, ou Fustel de Coulanges, no século XIX, obrigatoriamente tinha uma enorme erudição e um profundo conhecimento das fontes primárias, que eram também julgadas por um critério de fidedignidade com diversos compromissos. Além de narrar e avaliar os dados, o historiador podia também depreender alguma lição a partir dos fatos. A narrativa dos fatos é moralizante porque a história era feita de erros e acertos.

Há, na *Retórica a Herênio*, obra do Séc.I a.C., uma distinção entre dois gêneros de narração, o que se apoia nas ações (*negotia*) e o que se apoia nos personagens (*personae*). A narração que se baseia nos *negotia* divide-se em três, a fábula, a história e o argumento:

Fabula est, quae neque ueras neque **ueri similes** continent res, ut eae sunt, quae tragoedis traditae sunt. Historia est **gesta res**, sed ab aetatis nostrae memoria remota. Argumentum est **ficta res**, quae tamen fieri potuit, uelut argumenta comoediarum. (I,12)

A fábula contém ações que não são nem verdadeiras nem verossímeis (*ueri similes*), como as relatadas na tragédia. A história são as ações realmente empreendidas (*res gesta*), mas em época distante da nossa lembrança. O argumento é a ação ficta (*res ficta*) que, no entanto, poderia ter acontecido, como o argumento da comédia.

Quintiliano (*Inst.Or.* II,4,2) segue essa mesma direção, acrescentando que a *fabula* é distanciada não só da verdade, mas também da forma da verdade (*non a ueritate modo sed etiam a forma ueritatis remota*), e o *argumentum* é “falso, mas semelhante ao verdadeiro, que as comédias figuram” (*quod falsum sed uero simile comoediae fingunt*) A história, por sua vez, é a “*expositio gestae rei*”, e “*tanto robustior quanto uerior*”.

	Aristóteles <i>Poética</i> , 1415a	<i>Ret. a Herênio</i> I,12	Sexto Empírico <i>Ad.math.</i> , I,266	Quintiliano <i>Instituto Oratoria</i> , II,4,2
História	τὰ γενόμενα <i>critério alético</i>	<i>res gesta</i> <i>critério alético</i>	τὰ γενόμενα <i>critério alético</i>	<i>expositio gestae rei</i> <i>critério de elaboração</i>
μῦθος / <i>fabula</i>	argumento (?)	<u><i>ueri simile</i></u> <i>critério de verossimilhança</i>	πραγμάτων ἀγενήτων καὶ ψευδῶν ἔκθεσις <i>critério alético</i>	non a ueritate modo sed etiam a forma ueritatis <i>remota</i> <i>critério alético</i>
πλάσμα / <i>argumentum</i>	_____	<i>res ficta</i> <i>critério de elaboração</i>	ὁμοίως δὲ τοῖς γενομένοις λεγομένων <i>critério de verossimilhança</i>	quod falsum sed uero simile comoediae fingunt <i>critério de verossimilhança</i>
poesia <i>critério de verossimilhança</i>	κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον	_____	_____	_____

Em Sexto Empírico, no primeiro livro de seu *Aduersus mathematicos*, vemos em grego não o texto, mas a idéia do autor da Retórica a Herênio, o que pode uma luz hermenêutica à interpretação dos termos-chave dessa abordagem teórica: *fabula* (*ueri similes*) por μῦθος ; *argumentum* (*ficta res*) por πλάσμα (mas o πλάσμα é necessariamente ὁμοίως δὲ τοῖς γενομένοις λεγομένων, de ditos semelhantes aos acontecimentos).

Jean de Garlande, no século XIII, numa obra intitulada *Parisiana poetria*, propõe novamente, a distinção entre *res gesta* e *res ficta*, distinguindo, assim, pelo critério de verdade, a história da ficção. O uso do termo *res gesta* já denuncia, em si, sua apropriação da historiografia latina antiga como modelo. Fazendo ressoar, nessa ideia, a conhecida distinção aristotélica entre a poesia e a história:

Φανερόν δὲ ἐκ τῶν εἰρημένων καὶ ὅτι οὐ τὸ τὰ γενόμενα λέγειν, τοῦτο ποιητοῦ ἔργον ἐστίν, ἀλλ' οἷα ἂν γένοιτο καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον. ὁ γὰρ ἱστορικὸς καὶ ὁ ποιητὴς οὐτῶ ἢ ἔμμετρα λέγειν ἢ ἄμμετρα διαφέρουσιν (εἴη γὰρ ἂν τὰ Ἡροδότου εἰς μέτρα τεθῆναι καὶ οὐδὲν ἦπτον ἂν εἴη ἱστορία τις μετὰ μέτρου ἢ ἄνευ μέτρων). ἀλλὰ τούτῳ διαφέρει, τῷ τὸν μὲν τὰ γενόμενα

λέγειν, τὸν δὲ οἶα ἂν γένοιτο. διὸ καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποιήσις ἱστορίας ἐστίν· ἢ μὲν γὰρ ποιήσις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἢ δ' ἱστορία τὰ καθ' ἕκαστον λέγει.

É evidente também pelo que foi dito que não é tarefa do poeta dizer o que ocorreu (τὰ γενόμενα), mas o que poderia acontecer, as coisas possíveis conforme a verossimilhança ou a necessidade (κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον)². O historiador (ἱστορικός) e o poeta não diferem pela métrica ou pela ausência dela (pois, ainda que os escritos de Heródoto fossem colocados em métrica não deixariam de ser, com ou sem métrica, alguma história), mas diferenciam-se por isso, por que um diz o que aconteceu (τὰ γενόμενα) e o outro o que poderia acontecer. Por isso a poesia é também mais filosófica e séria do que a história. Pois a poesia fala segundo o que é geral (τὰ καθόλου) e história fala do que é particular (τὰ καθ' ἕκαστον). *Poética*, 1451a36 (IX,1-10)

A história está, portanto, submetida ao critério alético, expresso por Sexto Empírico precisamente nesses termos, em que o gênero se contrapõe a tudo que for da ordem do ψεῦδος. Proponho então duas distinções: entre τὰ γενόμενα e “πάντα τὰ γενόμενα”, e entre τὰ γενόμενα e τὸ ψεῦδος. Aristóteles, também, ao associar a poesia – e não a história – ao ἀναγκαῖον, renega a história teleológica, posto que ἀναγκαῖον, em toda a obra aristotélica sobrevivente, relaciona o efeito à causa, nessa ordem. E isso, para Aristóteles, e também para nós, não pertence ao campo da história.

Nesse ponto, evoco o próêmio de Heródoto, que oferece um projeto de escrita historiográfica que pautou todo o gênero desde então:

Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε, ὡς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται, τὰ τε ἄλλα καὶ δι' ἣν ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

² A passagem parece sugerir que o historiador lida com o passado, e, por isso, não necessita de especular, posto que apenas registra o que aconteceu. A matéria com lida o poeta, por sua vez, é o futuro, com o qual só negocia por duas vias, a da expectativa apoiada no provável ou esperável (τὸ εἰκὸς – entendido, por isso, como “verossímil”) e a da expectativa baseada no forçoso (τὸ ἀναγκαῖον). Aristóteles, portanto, não atribui à história perfil especulativo, sendo-lhe, assim, a poesia mais filosófica (φιλοσοφώτερον). A julgar por essa declaração – todavia insuficiente para tanto –, Aristóteles concebia conferia à história um caráter factual, de resto, muito diferentemente d que fazem os próprios historiadores. Note-se também, nesse trecho, o uso mais antigo do termo ἱστορικός para designar o historiador. Em Platão (*Sofista.*, 267e, por exemplo) o termo ἱστορικός era um adjetivo que significava algo como ‘preciso’, ‘exato’, o que também reforça a ideia de uma história factual.

Esta é a apódeixis de Heródoto de Halicarnaso, para que nem os feitos dos homens (τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων) se tornem esquecidos com o tempo (τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα), nem as obras grandes e admiráveis, realizadas tanto por gregos quanto bárbaros, tornem-se inglórias (ἀκλέα), e, entre outras coisas, a causa pela qual lutaram entre si. (Heródoto. Proêmio)

Os pontos cardeais do projeto herodotiano são, portanto:

- 1) o relato dos feitos humanos;
- 2) a preservação da memória;
- 3) a imparcialidade;
- 4) a atribuição de valor por meio da garantia do κλέος;
- 5) a etiologia social.

O termo γενόμενα no Proêmio não parece ter o comprometimento com o critério alético que parece ter nos autores que já vimos. Heródoto tem uma consciência maior de seu poder demiúrgico. O que realmente impressiona na obra de Heródoto é a subordinação da verdade ao seu projeto. Parece haver ali uma noção precisa do papel que o historiador tem de administrar os dados, de gerenciar a realidade, a fim de constituir a verdade.

Mas Heródoto vai além.

Movida e guiada pelo θαῦμα, sua escritura dá um passo fatal para o gênero historiográfico: ela consegue desassociar a verdade da realidade.

O “Lógos de Creso”, no Livro I, contém o famoso encontro fictício entre Sólon e Creso, personagens, que, conquanto factuais, não são contemporâneas. Plutarco, na *Vida de Sólon* (I,23), comenta o episódio do encontro narrado por Heródoto, afirmando ser o relato digno da μεγαλοφροσύνη e da σοφία de Sólon. Plutarco destaca, ainda, a distinção entre os ἥθη grego e bárbaro. Segundo Tatiana Ribeiro, que investigou pormenorizadamente o episódio³: “Toda a carga simbólica do episódio herodotiano encontra o reconhecimento de Plutarco, que, então, não se exime de recriá-lo na biografia de Sólon” (2005:59).

Como entender a presença de uma narrativa de factualidade histórica praticamente nula nas *Histórias* de Heródoto?

3 RIBEIRO, Tatiana Oliveira. Ólbos: uma discussão axiológica nas Histórias de Heródoto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Dissertação de Mestrado. Disponível em www.lettras.ufrj.br/proaera/cvtr.htm

Bronislaw Bacsco⁴, que parece partilhar com Casirer a idéia de 'simbólico', defende que o dispositivo simbólico é responsável pela construção de fatos por uma sociedade, e adentram a memória coletiva, sobrepujando os acontecimentos que isoladamente lhe deram origem. É como se, a partir dos cacos de vasos semelhantes desde sempre quebrados, fosse montado outro vaso, que, conquanto da mesma matéria de seus antecessores, sabe-se que nunca antes existira, mas, ainda assim, se olha para a peça e se pode dizer: assim era o vaso.

Não há dúvidas de que esse é o processo mais ousado da elaboração da verdade histórica, mas, seja qual for o processo outro, os dados sempre serão nossos cacos.

	olhar	ouvir
verbo textual	εἶδον καὶ αὐτός	(ὡς) λέγεται (ὡς) λέγουσιν
tempo	presente	passado
gênero	descriptio	narratio
primeiro referencial	primeira pessoa	terceira pessoa

Primeiramente é preciso dizer que a escrita de Heródoto, e, por conseguinte, boa parte da historiografia antiga (da qual destaco, nesse particular, a obra de Plutarco) opera em dois eixos, o da descrição, baseado sobretudo no olhar, e o da narrativa, fundamentado no ouvir. O primeiro implica a presença e no presente, e o segundo, na ausência e no passado. Sem que possamos desconsiderar a *narratio* em meio à *descriptio*, e, menos frequentemente, o contrário.

Tal variação axial permite um movimento de aproximação e de distanciamento que interfere diretamente na carga de comprometimento do autor com o grau de factualidade do objeto. Mas ainda assim, não se trata aqui de verossimilhança, mas de veracidade.

4 BACSKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi. Vol. 5: Antropos/homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296.

método	τεκμήρια	μαρτύριον
critério	deductio a posteriori	auctoritas

Apesar de sabermos hoje que não foi factual o encontro entre Sólon e Cresos, não é questionável o grau de veracidade dado a ele no discurso herodotiano. Nem o grau de veracidade nem o senso simbólico de evidência incontestes.

A verdade é depositada sobre dados que podem ser constituídos de diversas ὕλαι, mas que invariavelmente se apoiam em dois métodos: os μαρτύρια, próprios ou alheios, mais frequentemente do ouvir, associados a um λέγουσι ou a algum de seus cognatos, e os τεκμήρια, que são construções dedutivas invertidas, mas de grande apelo retórico.

Tomemos dois exemplos de Heródoto:

Πανηγύριος δὲ ἄρα καὶ πομπὰς καὶ προσαγωγὰς πρῶτοι ἀνθρώπων Αἰγύπτιοί εἰσι οἱ ποιησάμενοι, καὶ παρὰ τούτων Ἕλληνας μεμαθήκασιν. Τεκμήριον δέ μοι τούτου τόδε· αἱ μὲν γὰρ φαίνονται ἐκ πολλοῦ τεο χρόνου ποιούμεναι, αἱ δὲ Ἑλληνικαὶ νεωστὶ ἐποιήθησαν. (II,58)

Os egípcios foram os primeiros homens a fazer esses festejos e essas pompas e esses cortejos, e os gregos aprenderam isso deles. Meu τεκμήριον disso é este: aqueles, pois, que parecem vir de muito tempo, enquanto os dos gregos foram feitos mais recentemente.

E ainda mais este:

Ὡς δὲ ἐπιμισγόμενοι Αἰγύπτῳ ἐξέμαθον, μέγα μοι καὶ τόδε τεκμήριον γίνεται· Φοινίκων ὁκόσοι τῇ Ἑλλάδι ἐπιμίσγονται, οὐκέτι Αἰγυπτίους μιμούνται κατὰ τὰ αἰδοῖα, ἀλλὰ τῶν ἐπιγινομένων οὐ περιτάμνουσι τὰ αἰδοῖα. (II,104)

Que [os fenícios] aprenderam [a circuncisão] relacionando-se com o Egito, meu grande τεκμήριον disso é este: Todos os fenícios que se relacionam com a Grécia já não mais imitam os egípcios quanto às partes pudendas, mas não mais circuncisam os genitais de seus epígonos.

A lógica claudicante do segundo exemplo demonstra que um τεκμήριον era, em Heródoto, frequentemente um indício frágil, e sempre decorrente da constatação, e nunca a

antecedia, como nos julgamentos. Talvez por isso, o termo τεκμήριον em Heródoto venha constantemente modulado por um “μοι”, ao contrário do que acontece em Tucídides, Políbio ou Xenofonte, onde os τεκμήρια apresentam uma robustez argumentativa mais condizente com os hábitos jurídicos e com a importância que esse conceito adquiriu na experiência do δικαστήριον.

Em Tucídides, porém, a natureza do τεκμήριον é outra. Na obra desse historiador, a expressão “τεκμήριον δέ” introduz uma demonstração de um juízo emitido imediatamente antes. A ideia é, evidentemente, avigorar o crédito, como neste exemplo:

Γενόμενον γὰρ κρείσσον λόγου τὸ εἶδος τῆς νόσου τά τε ἄλλα χαλεπωτέρως ἢ κατὰ τὴν ἀνθρωπεῖαν φύσιν προσέπιπτεν ἑκάστῳ καὶ ἐν τῷδε ἐδήλωσε μάλιστα ἄλλο τι ὄν ἢ τῶν ξυντρόφων τι· τὰ γὰρ ὄρνεα καὶ τετράποδα ὅσα ἀνθρώπων ἄπτεται, πολλῶν ἀτάφων γιγνομένων ἢ οὐ προσήει ἢ γευσάμενα διεφθείρετο. τεκμήριον δέ· τῶν μὲν τοιούτων ὀρνίθων ἐπίλειψις σαφῆς ἐγένετο, καὶ οὐχ ἑωρῶντο οὔτε ἄλλως οὔτε περὶ τοιοῦτον οὐδέν· οἱ δὲ κύνες μᾶλλον αἴσθησιν παρείχον τοῦ ἀποβαίνοντος διὰ τὸ ξυνδιαιτᾶσθαι. Tuc. II,50

O caráter geral da doença vai para além do λόγος, e, de várias formas diferentemente, sobrecaiu a cada um, de maneira mais ofensiva do que a esperada pela natureza humana, e, nesse aspecto, mostrou-se diferente das doenças habituais: pois as aves e os quadrúpedes que comem muitas vezes humanos que estavam insepultos ou não se aproximavam deles ou pereciam se os comiam. A prova é que as aves desse tipo se tornavam notoriamente raras, e não eram vistas em volta de nenhum dos cadáveres e nem em outro lugar; por outro lado, os cães sentiam mais os acontecimentos, pois levam a vida com os homens⁵.

O lugar de fala do historiador estava entre uma narrativa ou uma descrição que soava épica e, portanto, era cercada de uma *auctoritas* quase sagrada, e a retórica pré-codificada, que dialoga com o discurso epidítico e até mesmo com o judiciário.

É preciso que se diga que, de uma forma ou de outra, o que está em questão não é exatamente o convencimento, mas uma busca por um grau de crença mais elevado, para usar a expressão que Paul Veyne consagrou⁶. O historiador disputa o território da *fides* de seus ouvintes ou leitores, e essa *fides* tem uma natureza diversa da *fides* religiosa. Ela opera em um setor relacionado a um tempo passado não tão remoto a ponto de ser religioso, nem tão próximo a

5 trad. Andréa Draeger. In: DRAEGER, A. “Para além do λόγος”: a Peste de Atenas na obra de Tucídides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação de Mestrado. p.80

6 VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?**: ensaio sobre a imaginação constituinte [Les grecs ont-ils cru a leurs mythes? Éditions du Seuil, 1983]. Trad. H. González e M. M. Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ponto de imiscuir-se a uma apreensão direta da realidade por outros filtros.

A urdidura da verdade histórica é uma operação discursiva que exige uma medida de distanciamento que, embora larga, não pode ser forçada, sob pena de se perder a credibilidade, por um lado, ou o poder de mediação, por outro.

A memória assume um papel fundamental nesse tecido discursivo, uma vez que ela é precisamente o acervo de dados computado sob a égide do simbólico. E o simbólico sustenta e mantém todo o imaginário social.

Uma conhecida frase de Tucídides vale a pena ser lembrada neste momento. No livro II (54) de sua *Guerra do Peloponeso*, o Historiador comenta nestes termos a consulta feita ao oráculo sobre a peste:

ἐν δὲ τῷ κακῷ οἷα εἰκὸς ἀνεμνήσθησαν καὶ τοῦδε τοῦ ἔπους, φάσκοντες οἱ πρεσβύτεροι πάλαι ἄδεσθαι ἥξει Δωριακὸς καὶ λοιμὸς ἅμ' αὐτῷ. ἐγένετο μὲν οὖν ἔρις τοῖς ἀνθρώποις μὴ λοιμὸν ὠνομάσθαι ἐν τῷ ἔπει ὑπὸ τῶν παλαιῶν, ἀλλὰ λιμόν, ἐνίκησε δὲ ἐπὶ τοῦ παρόντος εἰκότως λοιμὸν εἰρησθαι· οἱ γὰρ ἄνθρωποι πρὸς ἃ ἔπασχον τὴν μνήμην ἐποιοῦντο. (Tuc., II, 54)

Em seu infortúnio, lembraram-se, como era natural, do seguinte verso que, segundo os mais velhos entre eles, fora recitado havia muito tempo: “Virá um dia a guerra dórica, e com ela a peste”. Houve, então, discórdia entre os homens: no verso (ἔπος), não fora dito pelos antigos ‘peste’ (λοιμός), mas ‘fome’ (λιμός). Prevaleceu que, na presente ocorrência, se dissesse justamente ‘peste’ (λοιμός); pois os homens constroem a memória (μνήμη) de acordo com as suas vicissitudes (πρὸς ἃ ἔπασχον).

A ideia de produção, de uma ποίησις, da μνήμη implica na consciência de uma autoria humana, e uma autoria servil ao πάθος. Tucídides, em outros pontos de sua obra, insiste nessa valiosa ideia. Um exemplo igualmente ilustrativo está também no livro segundo:

ὑμῶν δὲ οὐδ' ἡ ἀπειρία τοσοῦτον λείπεται ὅσον τόλμη προύχετε· τῶνδε δὲ ἡ ἐπιστήμη, ἣν μάλιστα φοβεῖσθε, ἀνδρείαν μὲν ἔχουσα καὶ μνήμην ἔξει ἐν τῷ δεινῷ ἐπιτελεῖν ἃ ἔμαθεν, ἄνευ δὲ εὐψυχίας οὐδεμία τέχνη πρὸς τοὺς κινδύνους ἰσχύει. φόβος γὰρ μνήμην ἐκπλήσσει, τέχνη δὲ ἄνευ ἀλκῆς οὐδὲν ὠφελεῖ. (II, 87)

A inexperiência não se opõe a vós tanto quanto a audácia vos favorece. O conhecimento dessas coisas, por sua vez, sendo o que mais temeis, se for acompanhado de coragem, terá também memória para aplicar, diante das temeridades, aquilo que já foi aprendido. Mas, sem força de alma, nenhuma τέχνη

vigora diante do perigo. **Pois o φόβος derrota a μνήμη**, e a τέχνη sem ímpeto não serve de nada.

A memória é o primeiro passo no recolhimento do feixe de dados que constituirá na matéria da escrita da história. Tucídides tem plena consciência disso. No seu primeiro livro (I,22), declara: ἐπιπόνως δὲ ἠύρισκετο, διότι οἱ παρόντες τοῖς ἔργοις ἑκάστοις οὐ ταῦτὰ περὶ τῶν αὐτῶν ἔλεγον, ἀλλ' ὡς ἑκατέρων τις εὐνοίας ἢ μνήμης ἔχοι. [Descobria-se com muito esforço, porque os contemporâneos a cada um dos feitos não diziam as mesmas coisas sobre eles, mas conforme suas simpatia ou memória]

Tucídides procurava, no entanto, evitar o que ele chamava de μυθῶδες, o fato com feições de mito, mesmo sob pena de perder o interesse da audiência (II,22). Tal alegação parece corroborar a hipótese de um compromisso ético do historiador relativamente a seu lugar e seu modo de fala, geradores de um gênero que logo seria categorizado. A recusa do μυθῶδες está em sintonia com os traços com os quais Aristóteles diferencia a História da poesia, sobretudo da poesia épica.

Toda a *res gesta*, enfim, é *res ficta*, mas nem toda a *res ficta* é *res gesta*. Os que se dedicam aos Estudos Clássicos não hesitam em pensar a historiografia como um gênero exatamente porque sabem ou intuem isso.